

As (des) Razões da Razão Esclarecida

RESUMO

No presente trabalho pretendo apresentar as razões pelas quais o projeto do esclarecimento de dissolver os mitos e instaurar o reino da razão, ao invés de conduzir a humanidade a um estado verdadeiramente humano, teria realizado uma nova espécie de barbárie. No processo de racionalização ocidental chamado por Max Weber de desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), Adorno e Horkheimer denunciam uma irrefreável regressão revelada sobretudo na reificação do pensamento em um processo automático e autônomo limitado a capacidade de repetir o meramente factual e na transformação da própria razão em simples "adminículo da aparelhagem econômica". Para possibilitar de fato a realização do esclarecimento, que parece haver abdicado de si mesmo, Adorno e Horkheimer sugerem uma teoria intransigente capaz de inverter a direção do espírito do progresso impiedoso, recuperar a imaginação revolucionária e estabelecer uma práxis verdadeiramente emancipatória.

Palavras-chave: Esclarecimento; Desencantamento do mundo; Emancipação.

ABSTRACT

In the present study I intend to present the reasons why the enlightenment project, created to dissolve myths and to install the kingdom of reason, instead of conducting humanity to a truly human state, has led to a new kind of barbarism. In the process of Western rationalism labeled by Max Weber the 'disenchantment of the world' Adorno and Horkheimer denounce an unstoppable regression revealed, above all, as the reification of thought as an automatic and autonomous process limited by one's capacity of repeating the mere factual, and also in the transformation of reason itself into a simple artifact of economic apparatus. To allow for realization of enlightenment project, which seems to have refrained from itself, Adorno and Horkheimer suggest a unyielding theory capable of reversing the implacable 'spirit of progress', of recuperating revolutionary imaginaries and of clarifying praxis that is truly emancipatory.

Key words: Enlightenment; Disenchantment of the world; Emancipation.

* Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC / Capes).

Os fragmentos filosóficos que compõem a *Dialética do esclarecimento* foram escritos com a difícil tarefa de verificar a razão pela qual a humanidade esclarecida estaria afundando numa nova espécie de barbárie e, a despeito das proporções desse empreendimento, a obra em questão é considerada por muitos como um clássico do pensamento do século XX. Foi escrita na década de 1940, com a mesma participação e sob a igual responsabilidade de dois pensadores e é precisamente a tensão entre ambos os temperamentos intelectuais que constitui seu elemento vital. Em virtude de uma nova edição alemã, Adorno e Horkheimer escreveram em 1969 que, na *Dialética do Esclarecimento*, havia formulações já não adequadas à realidade de então, mas reconheceram a importância de suas análises no que diz respeito ao processo de transição para o denominado mundo administrado. Afirmaram também que o desenvolvimento em direção à integração total, diagnosticado nessa obra, não estava interrompido, mas momentaneamente suspenso, e que pairava ainda sob nossas cabeças a ameaça de que esse se completasse através de novas guerras e ditaduras. No texto escrito para a nova edição é reafirmada a dedicatória ao amigo Friedrich Pollock e, para a satisfação dos estudiosos e pesquisadores da Teoria Crítica em todo o mundo, é mostrado aí um claro entusiasmo dos autores por estarem de volta a Alemanha e por sentirem-se convencidos de poder ainda fazer muito, tanto teórica quanto praticamente. Infelizmente, como se sabe, Adorno veio a falecer em agosto desse mesmo ano na Suíça, vítima de um fulminante ataque cardíaco não podendo dar continuidade ao projeto de desaceleração ou mesmo interrupção da marcha da civilização rumo à integração total. Sobre seu envolvimento com essa questão, ele escreve na *Dialética*:

A ideia de que hoje importa mais conservar a liberdade, ampliá-la e desdobrá-la, em vez de acelerar, ainda que indiretamente, a marcha em direção ao mundo administrado, é algo que também exprimimos em nossos escritos anteriores. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 10).

Apesar da morte algo prematura, as idéias de Adorno certamente não foram caladas. Ele deixou atrás de si um vasto e belo legado na forma de textos, aulas e conferências para todos

os que tenham interesse em tomar para si aquele que possivelmente foi o seu maior projeto: tornar possível a realização da verdadeira vida.

O título *Dialética do Esclarecimento* foi escolhido pelos autores de modo aparentemente casual. Adorno escreveu a Horkheimer uma carta na qual usava a expressão que dá nome à obra como sinônimo da dialética entre cultura e barbárie, e em novembro de 1941, após mudar-se para local próximo à casa de Horkheimer em Los Angeles, iniciaram a redação dessa importante obra de filosofia dialética. Vale ressaltar que as *Teses sobre a Filosofia da História*, escritas por Walter Benjamin pouco antes de seu suicídio na fronteira franco-espanhola em 1940, justamente quando buscava uma aproximação com o *Institut für Sozialforschung* na América, deram decisiva contribuição para a elaboração das questões discutidas na *Dialética*. Nesse trabalho, publicado pelo *Institut* em edição dedicada a Benjamin em 1942, o filósofo faz uma crítica mordaz ao historicismo progressista, que constitui parte tão fundamental da tradição marxista. Na mesma carta já citada, Adorno comenta com Horkheimer que em nenhum dos trabalhos anteriores de Benjamin ele se mostrou tão próximo de suas próprias intenções, especialmente no tocante à idéia da história como catástrofe permanente, crítica ao progresso e ao domínio da natureza e seu posicionamento com relação à cultura. (DUARTE, 2003, p. 40).

Antes de iniciarmos de fato a discussão sobre a dialética do esclarecimento, devemos lembrar que o termo *Aufklärung* pode traduzir-se tanto por iluminismo como por esclarecimento, mas que, no entanto, a segunda opção parece ser consideravelmente mais apropriada para designar o processo denunciado por Adorno e Horkheimer nos fragmentos filosóficos da *Dialética*. De acordo com o tradutor da obra para o idioma português, o professor Guido Antonio de Almeida, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a expressão esclarecimento traduz perfeitamente não apenas o significado histórico-filosófico do termo, mas toda a amplitude de sentido conferido a ele por Adorno e Horkheimer. O professor nos chama a atenção para o fato de que o conceito histórico-filosófico está ligado ao sentido coloquial do termo e, exatamente por isso, fora escolhido e utilizado como palavra de ordem e senha de identificação entre

os espíritos esclarecidos da modernidade. No conhecido texto *Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento?* Kant define o termo *Aufklärung* como a habilidade de se usar o entendimento sem qualquer guia. Esse processo, que deveria culminar na maioria do homem, pressuporia o abandono da preguiça e da covardia, apresentadas pelo filósofo como as principais razões pelas quais grande parte da humanidade vive durante toda a vida, e de bom grado, como menor. Nas palavras de Kant:

Ter a coragem de usar o seu próprio entendimento é, portanto, o *motto* do Esclarecimento. Preguiça e covardia são as razões de a maior parte da humanidade, de bom grado, viver como menor durante toda a sua vida, mesmo depois de a natureza há muito tempo tê-la livrado de guias externos. Preguiça e covardia demonstram porque é tão fácil para alguns se manterem como tutores. (KANT, 1985, p. 101).

Em Adorno e Horkheimer, o termo é usado para designar o processo de desencantamento do mundo, que se caracteriza pela “imanentização” da transcendência e pela libertação do homem do medo de uma natureza poderosa e desconhecida a qual ele sempre teve de se submeter. Pode-se dizer que enquanto iluminismo ou ilustração designam um movimento filosófico ou uma época histórica específica, esclarecimento indica o processo que, através da história, liberta os homens das potências míticas da natureza e prossegue tanto na filosofia como na ciência.

[...] o conceito de esclarecimento, embora sem perder o vínculo que o liga ao conceito crítico e emancipador expresso, pelo termo na linguagem ordinária e filosófica, não pode se resumir, para nossos autores, às Luzes do século dezoito. Não só a expressão não designa mais um movimento filosófico, mas resulta de um aprofundamento crítico que leva à desilusão de seu otimismo. Acresce a isso que não podemos nem mesmo supor que a ilustração constitua para eles o exemplo histórico privilegiado do esclarecimento, uma vez que é muito mais longe, na experiência do herói da *Odisséia*, que

vão buscar o protótipo dessa atividade esclarecedora que se confunde com o processo civilizatório. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 8).

Nada otimistas a respeito das classes trabalhadoras do Ocidente e de seu potencial revolucionário, os membros do *Institut* concentraram grande parte de suas pesquisas sobre um novo motor da história, a saber, o conflito entre o homem e a natureza. Portanto, embora utilizassem uma linguagem remanescente do marxismo, Adorno e Horkheimer não apenas se livraram dos vestígios de uma teoria marxista ortodoxa, como também incluíram o próprio Marx na tradição iluminista. O argumento central para tal inclusão foi a ênfase exagerada de Marx na centralidade do trabalho como modo de auto-realização do homem. Na redução do homem à condição de *animal laborans*, estava também implícita a compreensão da natureza como mero campo da exploração humana. Em uma conversa com Martin Jay em 1969, Adorno chegou a afirmar que se as coisas fossem como queria Karl Marx, o mundo inteiro seria transformado em uma gigantesca oficina. (JAY, 2008, p. 324) Ademais, ele escreve em *Minima Moralia* que sempre que se combina a crítica do capitalismo com uma crítica ao proletariado – que estaria cada vez mais simplesmente refletindo as tendências do desenvolvimento capitalista – percebe-se que o elemento negativo do pensamento torna-se suspeito e desacreditado, como se não houvesse crítica possível para além da luta de classes. (ADORNO, 1992, p. 98-99). Ele rejeita ainda, assim como Horkheimer e Marcuse, a idéia de que o socialismo seria uma decorrência necessária do capitalismo e se mostra cético quanto à conexão entre progresso tecnológico e emancipação humana. Apesar do ataque a Marx, não era ele o verdadeiro alvo da *Dialética do Esclarecimento*, mas sim, como acabamos de nos referir, o processo de desmistificação supostamente libertário que Max Weber chamou de desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*) e que, para nossos autores, não passa de mera aparência.¹ Acerca do termo “desencantamento do mundo”, há um minucioso estudo feito por Antônio Flávio

¹ Para maior aprofundamento, vale a pena conferir o estudo realizado por Antonio Flávio Pierucci onde ele analisa cada passagem em que o termo é utilizado por Max Weber.

Pierucci, professor do departamento de sociologia da USP, no qual ele pretende deixar demonstrado que seu uso nas obras de Weber, apesar de não ser unívoco – pois ele pode mudar de acordo com o contexto dado – não chega a ser “hiperpolissêmico e muito menos contraditório.” Bem ao contrário, ele teria uma surpreendente consistência lógica. (PIERUCCI, 2003, p. 35) Pierucci conclui dessa pesquisa que, na verdade, Weber teria trabalhado com dois significados (desencantamento do mundo como desmagificação e como perda de sentido) simultaneamente em todas as suas utilizações. No contexto desta dissertação, vale a pena citar uma passagem de Weber em *A Ciência como Vocação*.

Ora, esse processo de desencantamento, que vem se dando na cultura ocidental ininterruptamente através de milênios e, em termos mais gerais, esse ‘progresso’, do qual faz parte a ciência como um elo e força motriz, têm eles um sentido que vá além do puramente prático e técnico? (WEBER, *apud* PIERUCCI, 2003, p.51)

Fica então a pergunta.

No trajeto para vencer as forças míticas e instaurar o reino da razão, Adorno e Horkheimer denunciaram que os conceitos universais, acusados de superstição, acabaram substituídos por fórmulas e que o esclarecimento, sem a interferência da coerção externa, pôde desenvolver-se livre e ilimitadamente. Ao afirmarem que, como qualquer outro sistema, também no esclarecimento (não distinto do sistema hegeliano ou da metafísica em geral), todo o caminho a ser seguido está determinado desde o princípio, eles se depararam com a inverdade do mundo esclarecido. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 37). Na identificação do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento teria confundido o pensamento e a matemática. Adorno e Horkheimer escrevem que

[...] na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Desse modo, o conhecimento restringe-se à repetição do factual e o pensamento transforma-se em mera tautologia. Assim como as figuras míticas refletem a ordem existente como

a verdade, o esclarecimento também abdica da esperança e confirma tão somente aquilo que já existe. A falsidade do esclarecimento, segundo Adorno, não está exatamente na aplicação do raciocínio lógico-dedutivo ou na necessidade da disciplina e da precisão metodológica, mas na separação radical entre sujeito e objeto. No ensaio *Sobre Sujeito e Objeto*, ele escreve:

O sujeito, uma vez separado radicalmente do objeto reduz este último a sua própria medida; o sujeito traga o objeto, esquecendo-se de quanto ele mesmo é um objeto. (ADORNO, 1969).

Embora hostil a essa separação absoluta, o modelo alternativo proposto por Adorno não implica a unidade perfeita entre os dois conceitos e nem tampouco o retorno a uma condição de pertinência à natureza. Segundo Adorno, toda filosofia que lamenta a perda da unidade entre humanidade e mundo ou que acredita na utopia enquanto futura realização dessa unidade é não apenas errônea, mas potencialmente perigosa. Isso porque a obliteração da distinção entre sujeito e objeto significaria, efetivamente, a perda da capacidade de reflexão. Ou seja, apesar dos prejuízos resultantes do rompimento da unidade primitiva entre homem e natureza, pode-se dizer que ele foi, em última análise, progressista. À respeito de uma suposta reconciliação, Adorno escreveu:

Se fosse permitido especular sobre o estado de reconciliação, não caberia imaginá-lo nem sob a forma de indiferenciada unidade de sujeito e objeto nem sob a de sua hostil antítese; antes, a comunicação do diferenciado. Somente então o conceito de comunicação encontraria seu lugar de direito como algo objetivo. O atual é tão vergonhoso porque trai o melhor, o potencial de um entendimento entre homens e coisas, para entregá-lo à comunicação entre sujeitos, conforme os requerimentos da razão subjetiva. Em seu lugar de direito estaria, também do ponto de vista da teoria do conhecimento, a relação entre sujeito e objeto na paz realizada, tanto entre os homens como entre eles, e o outro que não eles. Paz é um estado de diferenciação sem dominação, no qual o diferente é compartilhado. (ADORNO, 1969).

No trajeto de desmitologização e esclarecimento, Adorno e Horkheimer denunciam

a reificação do pensamento num processo automático e autônomo, basicamente limitado a capacidade de repetir o meramente factual e a própria razão, por sua vez, torna-se simples “adminículo da aparelhagem econômica”² passando a ser utilizada como “instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 42). Tal razão, como órgão do cálculo e do plano, é neutra com respeito a objetivos e seu elemento fundamental é a coordenação: uma finalidade sem fim que se deixa atrelar a todos os fins. Quanto mais toda a vida encontra-se subordinada às exigências de sua conservação (auxiliada pela divisão social do trabalho e pela transformação das qualidades humanas em meras funções), mais os indivíduos se vêem forçados a alienação; não somente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados, mas na verdade, a alienação das relações de cada qual consigo mesmo. Enquanto o animismo havia dotado de alma as coisas, escrevem Adorno e Horkheimer, o industrialismo seria capaz de coisificar as almas.

A *Dialética do Esclarecimento* aponta os efeitos nocivos da racionalidade – em seu sentido subjetivo e instrumental – e procura expor as consequências de uma razão que tivera, em princípio, o objetivo de superar o pensamento mítico, mas que, no entanto, possibilitou que esse se repetisse. Diante das tantas promessas frustradas do esclarecimento, era natural que as conclusões a que chegaram os filósofos da Teoria Crítica a respeito da sociedade ocidental e seu potencial emancipatório fossem, de modo geral, pouco animadoras. A *Vernunft* razão mais substantiva e sintética, assim denominada pelo idealismo alemão, havia sido eclipsada por uma razão puramente analítica (*Verstand*), e por mais que esforços tenham sido empreendidos pela racionalidade no sentido de libertar o homem do pensamento mítico, esse insistia em permanecer preso à sua lógica. Uma das razões básicas pela qual o esclarecimento acabou por produzir o seu oposto foi, em primeiro lugar, o fato de que a razão instrumental estava intimamente relacionada ao princípio de troca. Tudo devia ser reduzido a um equivalente abstrato a fim de pôr-se a serviço da troca universal, ou,

para usar termos mais propriamente adornianos, o qualitativamente diferente e não-idêntico devia ser forçado a adaptar-se aos moldes da identidade quantitativa. (JAY, 2003, p. 36).

A segunda razão apontada foi o vínculo da racionalidade instrumental com o domínio sobre a natureza:

Na medida mesma em que o mundo natural foi reduzido a um campo de entidades fungíveis, cujas diferenças qualitativas se perderam em nome do controle científico, o domínio dos objetos preparou o caminho para a o domínio equivalente dos sujeitos através da reificação. O domínio do mundo natural exterior levou ao controle da natureza interior do homem e, em última instância, ao controle do mundo social. (JAY, 1988, p. 37).

É nesse sentido que Adorno e Horkheimer insistem na hipótese de que o fascismo poderia ser parcialmente compreendido como a vingança da natureza dominada que empregava, ela mesma, no exercício de dominação, muitos dos instrumentos desenvolvidos pela razão instrumental. Em certo sentido, a natureza estava se vingando de toda crueldade e exploração que havia sofrido durante gerações. Em *Eclipse da Razão*, Horkheimer escreve que os protagonistas da natureza reprimida são justamente as maiores vítimas da razão instrumentalizada de quem o apoio foi essencial para a conquista do poder pelos nazistas. Ele identifica essas vítimas como sendo camponeses, artesãos de classe média, comerciantes varejistas, donas-de-casa e pequenos fabricantes. (HORKHEIMER, 2002, p. 126).

O fascismo poderia enfim ser descrito como uma síntese diabólica entre razão e natureza e representaria exatamente o oposto daquela conciliação com a qual a filosofia sempre sonhou. Quanto à ciência, que a princípio deveria colocar-se a serviço do homem e de seu aperfeiçoamento, acabou por mostrar-se também bastante disposta a colaborar com uma nova forma de desumanização. Afinal de contas, pode-se afirmar que a mentalidade científica aliada ao progresso tecnológico conduziu a formas de barbárie capazes de produzir resultados mais catastróficos do que se podia imaginar.

² O termo adminículo é a tradução do original Hilfsmittel. “[...] weil Vernunft selbst zum blossen Hilfsmittel der allumfassenden Wirtschaftsapparatur wurde.”

Com os ensaios e excursos da *Dialética*, Adorno e Horkheimer procuram mostrar o quão pouco racional o mundo esclarecido de fato se tornou. Enquanto a razão entrava em processo de eclipse, o esclarecimento, que supostamente havia superado a confusão mitopoética ao introduzir a análise racional, caía vítima de um novo mito. Em linhas gerais, ao contraste entre mito e esclarecimento, do qual o mundo esclarecido parece estar bastante seguro, nossos autores opõem a tese de uma cumplicidade entre ambos. Ao conceituarem o esclarecimento, eles afirmam que o mito continha desde sempre traços da racionalidade esclarecida e que o esclarecimento acabou por reverter-se à mitologia. Quando afirmam, portanto, que os mitos vitimados pelo esclarecimento já eram eles mesmos produtos do próprio esclarecimento, Adorno e Horkheimer querem nos lembrar que os mitos sempre quiseram relatar ou mostrar as origens de algo, assim como expor, fixar e explicar e que, muito cedo, com o reforço dessa tendência, tais relatos e explicações tornaram-se verdadeiras doutrinas. Segundo os autores da *Dialética* pode-se dizer que, de modo geral, todo o processo de esclarecimento é resultado do medo experimentado pelos seres humanos nos primórdios de sua existência. Apesar de saberem-se fisicamente mais fracos do que muitos animais e sem defesas diante de fenômenos naturais, esses indivíduos percebiam uma fundamental diferença entre eles mesmos e o resto da natureza.

O que está aí indicado é que tanto os mitos quanto a racionalidade que os teria posteriormente substituído, parecem possuir uma mesma origem. É nesse contexto de uma suposta conaturalidade que Adorno e Horkheimer procuram explicar como as primeiras ações humanas, ainda que revestidas da forma aparentemente irracional do mito, continham elementos da racionalidade dominante. Por outro lado, o esclarecimento também possui mais semelhanças com os mitos do que a princípio nos parece. Do mesmo modo que, no mundo primitivo, o feiticeiro deve ser punido caso ouse transgredir o círculo mágico traçado para a invocação, o indivíduo moderno que ouse pensar além do factual e transgrida a esfera da realidade dada pagará o devido preço por sua infração. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.38). Para melhor ilustrar essa relação, vale recorrer a uma passagem da *Dialética* que afirma que

[...] o lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.23).

Ao longo do processo histórico do esclarecimento, a espécie humana certamente distanciou-se cada vez mais de suas origens, mas, no entanto, não conseguiu livrar-se da compulsão mítica para a repetição. Portanto, o mundo racionalizado estaria apenas aparentemente desencantado.

O mundo totalmente desencantado é aquele em que o mito retorna na forma de uma sociedade racional, na qual idéias como a de destino não deveriam mais ter lugar, mas que são, entretanto, dominantes. O desenvolvimento pleno do esclarecimento produz o contrário do que promete, produz um mundo estranho e hostil aos homens, ao qual eles têm de se adaptar como a forças estranhas e fantasmagóricas sobre as quais não têm domínio. (NOBRE, 2008, p. 49).

Na raiz do projeto iluminista de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores, já se poderia detectar, segundo os autores da *Dialética*, um modelo laicizado da crença religiosa de que Deus goza de absoluto poder para dispor como quiser sobre o mundo. Seguindo esse exato modelo, o sujeito humano totalmente esclarecido também se relaciona com o objeto natural como se este fosse outro, externo e inferior a ele. Contudo, o preço que se paga pela conversão da natureza em mera objetividade e pela ilimitada autoridade concedida ao homem é o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações. O saber que é poder, cuja essência é a técnica, a emprega sobre a natureza objetivada para dominar tanto a ela quanto aos homens, passando por cima de qualquer obstáculo que ameace seus objetivos que, em geral, são o método, o trabalho de outros e o capital. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 20). Vale ressaltar aqui que, apesar de Adorno e Horkheimer identificarem traços da racionalidade dominante muito antes do chamado Século das Luzes, a filosofia e a ciência produzidas por Bacon, Descartes, Galileu e

Newton prestaram grande serviço para a consolidação da moderna racionalidade científica que culminaria na razão subjetiva ou instrumental. Em *O conceito de Esclarecimento da Dialética*, Adorno e Horkheimer escrevem que a união entre o entendimento humano e a natureza das coisas que Bacon tinha em mente refletia a forte influência da sociedade patriarcal em que este viveu, e acrescentam que, de acordo com o mesmo, o entendimento deve vencer a superstição e imperar sobre a natureza desencantada. O físico austríaco Fritjof Capra, em seu conhecido livro *O Ponto de Mutação*, publicado em 1982, comenta que o “espírito baconiano” defendia apaixonada, mas com freqüência também rancorosamente seu novo método empírico de investigação. Sobre Bacon (1561-1626), ele escreve: A natureza, na opinião dele, tinha que ser “acossada em seus descaminhos”, “obrigada a servir” e “escravizada”. Devia ser “reduzida à obediência”, e o objetivo do cientista era “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos.” (CAPRA, 2006, p. 52)

Segundo Capra, como a natureza era comumente vista como fêmea, a idéia de que ela deveria ser explorada e torturada até que revelasse todos os seus segredos parece ter relação com as torturas impingidas às mulheres nos julgamentos de bruxas do começo do século XVII. Descartes (1596-1650), considerado “fundador” do racionalismo da Idade Moderna, por sua vez, ao privilegiar a mente em relação à matéria (*res cogitans* e *res extensa*), acabou por separá-las como duas esferas essencialmente diferentes, causando um profundo efeito sobre o pensamento ocidental. Para ele, o universo material não era nada além de uma máquina e toda a natureza funcionava de acordo com leis mecânicas. Essa mudança na imagem da natureza, antes compreendida como organismo, e agora como máquina isenta de qualquer vida ou espiritualidade, influenciou fortemente a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente natural e, em última análise, significou uma espécie de permissão “científica” para a manipulação indiscriminada da natureza. No entanto, o homem que de fato conseguiu realizar o sonho cartesiano e completar a revolução científica foi o físico e matemático inglês Isaac Newton (1643-1727). Afinal de contas:

[...] a física newtoniana [...] forneceu uma consistente teoria matemática do mundo, que permaneceu como sólido alicerce do pensamento científico até boa parte do século XX.

Retornando então para a *Dialética*, Adorno e Horkheimer denunciam que a dominação da natureza resulta na total perda da consciência da interpenetração entre sujeito e objeto, expressa, por exemplo, no animismo primitivo. Para o pensamento esclarecido, o mundo não é mais que simples átomos fungíveis e inertes. Eles criticam ainda a tendência epistemológica do esclarecimento a substituir conceitos por fórmulas, e sua ênfase exagerada no formalismo lógico. Enquanto os conceitos têm uma clara apreensão de seu conteúdo, incluindo momentos negativos e positivos e, portanto, abrangendo tanto o real quanto o potencial, as fórmulas não são capazes de ir além do imediatismo não dialético. Em última instância, a suposição de que todo pensamento verdadeiro pode ser reduzido a fórmulas matemáticas significa que “a repetição estática do tempo mítico fora preservada, frustrando a possibilidade dinâmica de desenvolvimento histórico.” (JAY, 2008, p. 326).

Particularmente desastrosos são também os efeitos da dominação da natureza sobre as relações entre os homens, pois a consequência imediata de uma compreensão da natureza como objeto de total exploração (sem objetivo estabelecido e, portanto, sem limite) é a atomização subsequente do próprio homem. A relação entre homem e natureza, baseada no domínio e na manipulação instrumentalizantes, leva inevitavelmente a uma forma idêntica de relação entre os homens. Ao situar o momento da grande ruptura do Ocidente na primeira divisão do trabalho e no início do exercício de domínio do homem sobre a natureza e, portanto, em eventos ainda bastante anteriores à ascensão do modo capitalista de produção, Adorno aponta o capitalismo mercantil como resultado de tais eventos que, por fim, parecem culminar na inevitável e violenta vingança da natureza reprimida (na verdade protagonizada pelas vítimas da razão instrumentalizada), representada em última instância pelo fascismo. O fato de o processo de desmitologização - denunciado por Adorno e Horkheimer - chamado de Esclarecimento, não apenas ter se originado do próprio

mito, como também encontrar seu limite na mitologização do esclarecimento, sob a forma da ciência e da tecnologia, reflete as razões pelas quais o processo de dominação da natureza pode, paradoxalmente, resultar na completa naturalização do homem civilizado.

No excurso I da *Dialética, Ulisses ou Mito e Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer apresentam um estudo sobre a *Odisséia* para mostrar como a obra homérica havia prestado o mais eloqüente testemunho do entrelaçamento entre esclarecimento e mito e o quanto havia antecipado os grandes temas do iluminismo. No encontro de Ulisses com o ciclope Polifemo, por exemplo, existe já a indicação do que podemos chamar de um declínio da linguagem. Utilizando-se de toda astúcia para ludibriar Polifemo, Ulisses decide chamar a si mesmo de "Ninguém" fazendo o gigante crer que esse de fato era o seu nome. Acontece que ao fazê-lo, o herói não apenas nega sua identidade como também prenuncia a efetiva perda de identidade do homem ocidental, pois a linguagem apta a conceituar e negar, fora substituída por uma linguagem capaz apenas de servir ao *status quo*. A racionalidade que Ulisses desenvolve para garantir sua autopreservação é, de acordo com Adorno e Horkheimer, uma anúncio daquilo que estava por vir, pois o astucioso herói homérico, isolado em um meio hostil, tem de baseá-la na trapaça e na instrumentalidade a fim de sobreviver a situações nas quais conta apenas com seus próprios recursos mentais.

Ao travar uma luta contra a dominação mítica, Ulisses utiliza-se do logro para negar a sua união com o todo. Ele já é, ainda que não o saiba, o *homo oeconomicus* ao qual todos os seres racionais se assemelham. O conhecido canto duodécimo da epopéia, que narra a passagem do navio pela ilha das Sereias, pode também ajudar a elucidar a relação entre mito e esclarecimento. Apesar de advertido pela poderosa feiticeira Circe dos perigos ali existentes, Ulisses nem opta por tomar um caminho diferente daquele e nem tampouco ousa desafiar o poder das semideusas escutando seu canto e confiando na sua capacidade de resistir a ele. Bem ao contrário, Ulisses opta por apegar-se. Ele pede aos companheiros que o amarrem firmemente ao mastro do navio, tapem os ouvidos com cera e remem com todas as forças de seus músculos, alertas e concentrados, a fim de evitar qualquer

distração. Certo de que seus companheiros remadores trabalharão por ele, Ulisses, amarrado ao mastro, tão seguro quanto impotente, frui toda a beleza do canto sem enfrentar seus riscos e nem sofrer suas conseqüências.

Amarrado, Ulisses assiste a um concerto, a escutar imóvel como os futuros frequentadores de concertos, e seu brado de libertação cheio de entusiasmo já ecoa como um aplauso. Assim a fruição artística e o trabalho manual já se separam na despedida do mundo pré-histórico. A epopéia já contém a teoria correta. O patrimônio cultural está em exata correlação com o trabalho comandado, e ambos se baseiam na inescapável compulsão à dominação social da natureza. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 45).

Apesar de sair "vitorioso", faz-se ver aí o quão caro é o preço que Ulisses tem de pagar para que seu eu saia fortalecido e consolidado das aventuras vividas na *Odisséia* – assim como também o espírito sairá fortalecido das experiências da consciência na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Em nome de sua própria identidade, o astucioso Ulisses desprende-se da coerção dos poderes míticos como quem procura escapar de um labirinto. O eu aprende a dominar o perigo e conquista sua identidade, mas, para isso, tem de reprimir sua natureza interna através da renúncia e do sacrifício. Apesar de seguir os ditames do mito, Ulisses interpõe seus comandados entre si mesmo e o objeto desejado e consegue, por fim, ludibriá-lo. No entanto, ele submete-se a uma automutilação, na medida em que se amarra ao mastro e não se permite entregar ao apelo sedutor da natureza. Os remadores, por sua vez, alienam-se por permanecem surdos e submissos à vontade do seu senhor. Mais uma vez, vê-se a alusão a *Fenomenologia* de Hegel, especificamente ao capítulo sobre o senhor e o escravo: enquanto o servo permanece subjugado no corpo e na alma, o senhor regride. Apesar de denunciar a autodestruição do esclarecimento, Adorno e Horkheimer não alimentam nenhuma dúvida de que a liberdade na sociedade não pode ser separada do pensamento esclarecedor. No entanto, acreditam igualmente que

[...] o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas con-

cretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Com os fragmentos da *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer esperam contribuir para a compreensão de que a causa da recaída do esclarecimento na mitologia deve ser buscada no próprio esclarecimento e no fato de que este se encontra paralisado por temor à verdade. E o que dizer das críticas que acusam Adorno e Horkheimer de haverem anunciado um esgotamento da razão e, portanto, a sua completa impotência? Jürgen Habermas, ex-aluno de Theodor Adorno e um dos mais eminentes filósofos da atualidade, no capítulo V de seu livro *O Discurso Filosófico da Modernidade* escreve uma crítica a *Dialética do esclarecimento* e afirma que, pela radicalidade com que Adorno e Horkheimer conduziram sua crítica do esclarecimento, essa obra merece ser chamada de "livro negro". Habermas acreditava ser apocalíptico o teor da obra e acusou seus autores de haverem colocado em risco o próprio projeto do esclarecimento. Ele imputa à *Dialética* a tese de uma crítica totalizadora que, em última análise, acaba por esfacelar a razão e destruir a chance de um futuro para a cultura e para a humanidade. No entanto, há que se chamar a atenção para o teor do pessimismo explicitado nessa obra, pois ele revela mais do que uma simples visão de mundo. Se compreendido de modo menos vulgar, pode-se perceber que o pessimismo aí mostrado – e, de modo geral, em toda a obra de Adorno – refere-se ao passado e ao fato inescapável de que todo o sofrimento vivido jamais poderá ser reparado. Aos que estão mortos, nossa impotência poderá oferecer apenas a lembrança. Para eles, não há justiça possível.

Esse mesmo sentimento, porém, de modo algum se reporta ao futuro. Da constatação de um passado bárbaro não se deve deduzir igual futuro e foi isso que Adorno e Horkheimer nos

tentaram mostrar. Por fim, contra o mítico respeito científico pelo dado e a degenerescência da imaginação revolucionária em dócil confiança na tendência objetiva da história, Adorno e Horkheimer sugerem uma teoria intransigente capaz de inverter a direção do espírito do progresso impiedoso e realizar enfim a práxis correta. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 52). Para os filósofos em questão, não é porque os ideais da humanidade não se realizaram que a filosofia deve resignar-se e afastar-se definitivamente da intenção de realizá-los. Nesse sentido, deve ficar claro que a história não precisa ser um declínio irrefreável em direção ao diabólico, mas que, diferentemente disso, ela possui a capacidade de romper drasticamente o curso que vem seguindo para, enfim, abrir-se ao radicalmente diferente. (JAY, 2003, p. 98).

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T.W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992.
- ADORNO, T.W. *Sobre sujeito e objeto*. (1969). Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno2.htm>. Acesso em: 22 set. 2009.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DUARTE, R. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- GATTI, L.F. Indústria cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, M. *Curso livre de teoria crítica*. Campinas-SP: Papirus, 2008.
- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JAY, M. *A imaginação dialética: história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923 – 1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. 2. ed. São Paulo: Edições 34, 2005.